

Frelimo não queria aperto de mão

"Precipitou-se" e saudou com uma bacalhuzada um dirigente da Renamo. Agora, o Governo de Maputo exige-lhe explicações: era cedo demais...



Primeiro sinal de concordância — terça-feira passada, num hotel de Lisboa

O DR. ANTÓNIO Maria Pereira anda na política há muito tempo — e esta semana, mais uma vez, deu um show de perícia: aproveitou um colóquio da Associação para a Paz e Democracia em Moçambique, de que é animador, para levar representantes da Frelimo e da Renamo a apertarem as mãos. Uma «bacalhuzada» que o Go-

verno de Maputo não tinha autorizado e que, ao que o «Tal à Qual» conseguiu saber, custou já a Guilherme Simão Tameia, adido de imprensa da Embaixada moçambicana em Lisboa, um raspante dos seus chefes.

«Não estava nada programado» — confessou depois ao «Tal à Qual» Sebastião Temporário, o dirigente do movimento rebelde que na passada terça-feira protagonizou, num hotel de Lisboa, o primeiro cumprimento público entre homens das duas facções que, em Moçambique, se combatem até à morte. «Eu também não estava mandatado para apertar a mão a qualquer representante de Chissano, mas fi-lo porque sei que a guerra tem de acabar e, portanto, os homens têm de se sentar à mesa e iniciar negociações» — acrescentou Temporário. «Teria muita pena se ele fosse de alguma forma punido pelo seu gesto de me cumprimentar. Pareceu-me uma pessoa simpática e atenciosa».

Guilherme Simão Tameia não pode ser considerado um alto dirigente da Frelimo. Mas o seu lugar de adido de imprensa na capital portuguesa confere-lhe peso público e político. O aperto de mão simbólico (que a RTP referiu, e o jornal «Público» ilustrou e Sebastião Temporário recordou ter sido «sugerido» de



Sebastião Temporário, de Renamo: «Teria muita pena, se ele fosse castigado»

repente, pelo social-democrata António Maria Pereira, já no final do colóquio da Associação) foi, por isso, objecto de «investigação imediata em Maputo» — segundo uma fonte diplomática privilegiada, que no entanto garantiu aos nossos repórteres «não acreditar» que o caso venha a ter qualquer desfecho «desagradável» para Tameia. E sintetizou: «Pediram explicações, as que ele deu foram convincentes. O Governo de Moçambique achou prematuro, mas deixou passar».

Havia vários dias que o representante da Frelimo e o responsável pelas Finanças do «Governo-sombra» da Renamo participavam, lado a lado, nos trabalhos do colóquio — uma espécie de acto preparatório de um Congresso de Quadros que a Associação pretende realizar proximamente em Lisboa, aproveitando o sucesso do Congresso angolano de há es-

tas semanas. «Chegámos a Jantar Juntos» — revelou Temporário ao «Tal à Qual» —, «mas não entabulámos quaisquer conversações formais». Foi um gesto de aproximação e boavontade, um primeiro sinal público de que os termos o cessar-fogo, a paz. Só? «As negociações são complexas» — defende-se o dirigente da Renamo. «Queremos — um Governo de transição (cujo presidente admitimos que po-

se mesmo ser Chissano), queremos uma Assembleia Constituinte, eleições livres. Bem vê que não são coisas que se possam tratar ao nível de um colóquio público, sem a participação dos mais altos dirigentes dos dois lados...»

Entretanto, João Almirante (em Lisboa) e Raúl Domingos (no Quénia) continuam em stand-by, em nome da Renamo, à espera de ordens para «avancar» para negociações formais. No colóquio de há dias, na capital portuguesa, foi notada a presença paternal do Bispo católico de Inhambane — uma peça fundamental no xadrez que, sem xoque-mate, talvez possa conduzir à paz na ex-colónia.

Improvisado ou induzido por António Maria Pereira, o aperto de mão desta semana deixou na opinião pública a ideia de que o jogo já começou...